

“Ser preto não é só ter pele, coisa que joalheiro entende...”: técnicas de si e modos de subjetivação no YouTube

Being black is not just having skin, something a jeweler understands...”: self-techniques and modes of subjectivity on Youtube

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de OLIVEIRA¹
Francisco Vieira da SILVA²

Resumo

Propomo-nos a analisar o documentário, “Negritudes Brasileiras” (2018), realizado pelo *Youtube* sob a coordenação e direção da influenciadora digital Nataly Neri. O produto audiovisual apresenta relatos de si de 7 personagens que narram suas vivências. Nosso objetivo é perceber quais as possibilidades de produção que levam a irrupção dos discursos atuais em torno do ser negro, bem como quais as técnicas de si que se evidenciam nos enunciados desses sujeitos no âmbito do *Youtube*. O percurso teórico-metodológico é o da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente os postulados foucaultianos que aqui estão em diálogo com os estudos étnico-raciais. Nossa análise aponta para uma atual multiplicidade de enunciados em torno da ideia de negritude, ao passo em que evidencia diferentes vivências e modos de subjetivação dos sujeitos negros, que encontram nas audiovisualidades do *Youtube* um espaço de produção de novas técnicas e práticas de si.

Palavras-chave: Negritude. Técnicas de si. Modos de subjetivação. *Youtube*.

Abstract

We propose to analyze the documentary, “Negritudes Brasileiras” (2018), made by *Youtube* under the coordination and direction of the digital influencer Nataly Neri. The audiovisual product presents reports of 7 characters who narrate their experiences. Our goal is to understand what are the production possibilities that lead to the eruption of current discourses around black people, as well as what techniques of self are evident in the statements of these subjects in the scope of *Youtube*. The theoretical-methodological path is that of Discourse Analysis of the French line, more precisely the Foucaultian postulates that are here in dialogue with ethnic-racial studies. Our analysis

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). Membro do Grupo de Estudos do Discurso da UERN (GEDUERN) e do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais (BITS/UERN). E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

points to a current multiplicity of statements around the idea of blackness, while showing different experiences and modes of subjectification of black subjects, who find in YouTube audiovisualities a space for the production of new techniques and practices of themselves.

Keywords: Blackness. Self techniques. Subjectivity modes. Youtube.

Introdução

A proliferação de enunciados acerca da negritude irrompe em um momento socio-histórico muito específico, em que as mídias digitais contribuem para um crescente processo de democratização da informação, por meio da produção, veiculação e disseminação de conteúdos alternativos para um número ilimitado de pessoas conectadas à rede. Na contramão da mídia tradicional e corporativa, as mídias digitais trazem consigo um universo vasto de possibilidades (MARTINO, 2015), em que os sujeitos comuns e as minorias podem agora ter suas pautas cada vez mais visibilizadas, além de construírem eles próprios seus conteúdos e narrativas.

As continuidades, descontinuidades, regularidades e dispersões, de que nos fala Foucault (2008a) em sua arqueologia, podem ser observadas na emergência dos discursos atuais em torno dos sujeitos negros que ganham cada vez mais visibilidade através dos diferentes meios de comunicação. Desde peças publicitárias que trazem os negros como protagonistas, passando pela ascensão de artistas e músicos negros, até programas de TV que abrem espaço para falar sobre o racismo e demais questões que envolvem estes sujeitos.

Ao lado disso, cada dia surgem mais notícias e relatos de casos de racismo nas redes sociais *online*, nos quais vislumbramos certa polaridade quanto a posição-sujeito dos enunciadorees. De um lado, estão aqueles que retomam e deixam escapar ideias preconceituosas, disseminando enunciados racistas. Do outro, observa-se uma crescente multiplicação de relatos antirracistas e em torno da construção da negritude nacional enquanto espaço de lutas, resistências e empoderamento. É pertinente frisar que essa polaridade acontece mesmo com o racismo e a injúria racial sendo considerados crimes, previstos no Código Penal brasileiro desde o ano de 1989, sob a Lei n. 7. 716/1989, a

qual prevê o primeiro como crime inafiançável e imprescritível, e estabelece pena de reclusão de um a três anos para o segundo, além de multa³.

Neste cenário, o *YouTube* parece-nos ter papel relevante, evidenciando-se como locus de discursos em torno da negritude. Consideramos tal plataforma enquanto dispositivo contemporâneo de constituição dos sujeitos negros, por meio dos inúmeros canais produzidos e seguidos por estes. Nesse sentido, algumas perguntas nos saltam de imediato: O que possibilita a emergência dos discursos atuais acerca da negritude? Quem são os negros e negras que estão no *Youtube*? Como se constituem? Quais posições ocupam? Parte das respostas para tais questões surgem ao longo da discussão.

Para tanto, tomamos como corpus de análise o vídeo “Negritudes Brasileiras” (duração de 58min44s), coordenado e dirigido pela influenciadora digital⁴ Nataly Neri, que possui atualmente quase 600 mil inscritos em seu canal no *YouTube* e mais de 400 mil seguidores em seu perfil na rede social *Instagram*. Nataly é uma jovem negra residente na cidade de São Paulo e estudante do curso de Ciências Sociais. Criou seu canal no *Youtube* em 2015, inicialmente intitulado “Afros e Afins”, mas que agora recebe seu próprio nome. Desde então passou a ter um crescente sucesso e visibilidade na rede, sendo hoje uma das principais influenciadoras negras do país⁵.

Estruturado em formato de documentário, a produção audiovisual está disponibilizada gratuitamente no *Youtube*. É uma iniciativa de Nataly Neri em parceria com o coletivo Gleba de Pêssego, financiado pelo *Youtube* através da campanha *Creators for Change*, que surge com intuito de apoiar e estimular criadores de conteúdo que versam sobre questões sociais⁶. As discussões apresentadas no vídeo giram em torno do espaço do negro no Brasil, o que se dá por meio de entrevistas em formato de conversa e relatos de si, com sete convidados diferentes, dos quais seis mulheres e um homem.

Com esse material, objetivamos problematizar os modos de subjetivação dos sujeitos negros no âmbito do *Youtube* com o intuito de identificar quais as atuais técnicas e práticas de si evidenciadas em seus enunciados. Neste ínterim, observa-se o

³ Ver mais em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

⁴ Profissional que trabalha com sua imagem nas diversas redes sociais *online*, influenciando os seguidores com seu estilo de vida e consumo.

⁵ Ver mais no canal: < <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg/about>>. Acesso em 04 abr. de 2020.

⁶ Ver mais em: < <https://zint.online/filme/negritudes-brasileiras/>>. Acesso em: 04 abr. de 2020.

processo de tornar-se sujeito para si mesmo, rompendo com movimentos de silenciamento social e engendrando novas e cada vez mais complexas relações de saber-poder.

Dito isto, nosso artigo divide-se em três principais partes para além desta introdução. A primeira discute questões étnico-raciais, com o intento em conceituar o termo negritude ao mesmo tempo em que problematiza o racismo e como este incide sobre os sujeitos negros e o campo social. Na segunda parte, abordamos alguns conceitos foucaultianas, desde a concepção de poder e sua relação com a verdade, passando pelo sujeito, até chegarmos ao conceito de técnicas de si. Na última parte, problematizamos analisamos a materialidade selecionada, na perspectiva de ampliarmos nosso debate para pensarmos como os sujeitos experienciam sua negritude no tempo presente, que, antes de ser uma característica imediatamente visível, é um movimento contínuo de perceber-se.

Negritude: múltiplas faces de um processo de ser e tornar-se

Ser negro no Brasil mais do que ter pele escura e traços característicos é um processo longo e contínuo de vir a ser, que decorre do fato de muitas vezes tais sujeitos possuírem uma consciência étnico-racial confusa e fragilizada sobre si mesmos e os seus, chegando a negar os próprios traços. Em um ambiente estruturalmente racista (KILOMBA, 2019) como o nosso, Souza (1990) elucida que é preciso observar a construção dos sujeitos negros em um plano simbólico, que dê destaque para as crenças, rituais, linguagens e estéticas próprias desse povo. Uma vez que o novo racismo ou neo-racismo, abordado por Wieviorka (2007), manifesta-se de maneira sistêmica e velada por meio da negação e apagamento das principais características negras, sejam estas, estéticas ou culturais, de modo a dificultar a compreensão desses sujeitos acerca de um pertencimento étnico-racial.

Fruto em grande parte do processo de miscigenação, que levou a manutenção do mito da democracia racial (SALES JÚNIOR, 2006), o racismo manifesta-se de diferentes formas ao longo do tempo, sofrendo consideráveis mudanças, sobretudo, no que diz respeito ao caso do Brasil. Gadea (2013), pensando na realidade da sociedade brasileira, compreende esse fenômeno como uma força normalizadora que impõe

comportamentos, padrões de beleza e até mesmo modos de existir, interferindo diretamente na constituição dos sujeitos.

Para Gonzales (1988, p. 47), o racismo estabelece-se “como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava no modelo ariano de explicação”. Pensamento compartilhado por Kilomba (2019, p. 75), ao se propor definir o racismo por meio de três aspectos simultâneos que o constituem. O primeiro deles é a *construção da diferença*, por meio da qual o sujeito negro mais do que ser diferente através do processo de discriminação, em que a branquitude é tida como ponto de referência. O segundo é a questão dos *valores hierárquicos*, em que a diferença se articula por meio da inferioridade, da desonra e do estigma, naturalizando uma visão negativa sobre todos os membros de um mesmo grupo racial. Por fim, desses dois aspectos surge o *preconceito*, que está intrinsecamente ligado às relações de poder e a quem as exerce. Sendo, pois, essa combinação do preconceito com o poder o que de fato formaria o racismo.

Perspectiva que dialoga diretamente com apontamentos de Foucault (2005) sobre o tema, que o percebe como “o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 304). Para o filósofo o aparecimento das raças, a distinção, hierarquização e a qualificação de algumas como boas e outras como inferiores, acabou sendo uma maneira de fragmentar o campo biológico de que o poder se incumbiu, “uma maneira de defasar, no interior da população uns grupos em relação aos outros” (FOUCAULT, 2005, p. 304), o que ressoa ainda hoje por todo o Ocidente.

Nesse contexto, o conceito de negritude surge como forma de retomar as raízes negras, levando os sujeitos a reconhecerem sua cultura e sentirem orgulho de sua história, além de tomarem consciência do processo de alienação e negação ao qual foram impostos violentamente ao longo do tempo. Munanga (1988) explica que este conceito, em sua concepção histórica, surge por volta do século XIX, em meio a um contexto de relações políticas e econômicas entre os Estados Africanos e a Europa, o que não se deu de maneira amigável. O que é evidenciado em muitos dos enunciados presentes em “Negritudes Brasileiras”, como quando Alê Santos (um dos entrevistados) assevera que, “quando eu me reconheço como negro, quando eu sei de onde eu vim e para onde eu vou, isso me torna poderoso. Isso faz com que eu seja forte a qualquer tipo

de ataque que possa ser direcionado a minha pessoa” (Trecho retirado do vídeo, 53:26-53:40).

Ao cunhar a expressão “*pacto narcísico da branquitude*”, em sua tese de doutorado há quase vinte anos atrás, Bento (2002) apresenta-nos o que seria uma espécie de contrato entre pessoas brancas que se aplaudem e se protegem com vistas a manterem seus privilégios raciais. Nesses termos, branquitude e negritude não devem ser pensadas como equivalentes, pelo contrário, enquanto “negritude diz respeito a um processo de procura de uma identidade racial positiva” a “branquitude é uma neutralidade racial, construída socialmente com o objetivo de manter a suposta superioridade de brancos sobre negros” (BENTO, 2002, p. 166).

Evocar a negritude é, pois, antes de tudo, uma busca pelo direito de existir e enquanto sujeito detentor de si mesmo. Especialmente, em uma sociedade em que o racismo, pela persuasão, tende a levar os negros a desejarem e projetarem um futuro “identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal” (SOUZA, 1990, p. 5), no qual o desejo por embranquecer-se torna-se sinônimo de sua própria extinção, o que, por muito tempo, ocorreu pelo fato de que afastado de seus valores originais, o sujeito negro tomou o branco como modelo e única possibilidade de tornar-se gente (SOUZA, 1990).

Nesse sentido, é que Gadea (2013) chama a atenção para a relevância de assumirmos a negritude enquanto um “espaço”, significando “que toda e qualquer identificação racial tem a sua performance atravessada por movimentos de filiação e oscilação segundo os interesses práticos e as condições de que partem os grupos implicados numa relação racial, e social em geral” (GADEA, 2013, p. 23). O autor levamos a constatar que as marcas da negritude não são mais simples marcações identitárias e, sim, espaços a serem (des)colonizados.

Ao partirmos da afirmação de Souza (1990) de que “ser negro é tornar-se negro”, evidenciamos um campo de relações de poder e regimes de verdade, em que estes sujeitos são convocados a produzir enunciados e discursos do negro sobre o negro. Possuir tais discursos sobre si, levando em consideração os apontamentos de Souza (1990), seria uma das formas de exercer autonomia, rompendo com definições e imaginários verticais baseados nos apelos da branquitude, o que contribui para um complexo e necessário processo de subjetivação, perpassado por cuidados e técnicas de si, como veremos a seguir.

Técnicas de si: das relações de poder aos modos de subjetivação

Indo além de uma mera constatação do óbvio, como discutido até aqui, e, observando as palavras acima de Djamila Ribeiro, parece-nos que saber-se negro envolve uma malha complexa de relações de poder e técnicas de si, nas quais estes sujeitos estão envoltos a formações discursivas acerca da branquitude e negritude que os insere em processos contínuos de objetivação e subjetivação. Pensar o poder numa perspectiva foucaultiana, como nos sugere Navarro (2014, p. 174), é tomá-lo como aquilo que produz o real, os domínios do objeto e os rituais de verdade. Observamos o poder enquanto produtor de discursos com efeitos de verdade sobre os sujeitos e seus corpos, os quais, por sua vez, são discursivamente produzidos.

Para Foucault (1979), o poder entendido enquanto relações de poder, não se localizando em um ponto específico, mas funcionando como uma espécie de rede móvel e capilar. O poder só existe enquanto práticas e relações que são exercidas discursivamente por alguns sobre outros, que fazem parte desse campo de forças de maneira livre. Nesse modo de ação que está bem mais ligado a questão do governo que do afrontamento (FOUCAULT, 2010), as relações não são fixas, pelo contrário, deslocam-se e modificam-se de acordo com as dinâmicas sociais.

Kilomba (2019), ao problematizar as relações de poder por meio de um olhar (des)colonizador, defende que muitas das identidades marginalizadas só poderão reconfigurar a noção de conhecimento de si e dos seus quando as estruturas de poder também forem reconfiguradas. Mais do que pensar o poder como uma força normalizadora que se impõe de cima para baixo, a autora, por meio de sua afirmação, nos incita a levantar questionamentos sobre quem exerceu ao longo do tempo e, ainda hoje, exerce poder no processo de constituição dos discursos oficiais acerca dos sujeitos negros: Qual a posição que ocupam? Quais as vontades de verdades que aí se estabelecem? E como esses discursos afetam o *status* de subjetividade dos negros?

Em sua fase genealógica, Foucault, por meio dos estudos sobre a prisão, a disciplina, o poder e a verdade, entre outros, explicita o que seriam tecnologias de poder sobre os sujeitos. Nesse momento, o discurso além de problematizado passa a ser considerado “como um conjunto de enunciados caracterizados como polêmicos e estratégicos” que integram “as malhas do poder, que perpassa todas as relações entre

sujeitos” (FERNANDES, 2012, p. 47). As tecnologias do poder, nesse sentido, podem ser compreendidas enquanto os procedimentos de controle do discurso e o movimento de imposição de regras ao sujeito do discurso. Existe, pois, uma relação intrínseca entre poder e verdade. “O conjunto dos processos através dos quais a verdade prevalece são os mecanismos de poder que lhe asseguram o poder” (FOUCAULT, 2006, p. 99). Como argumenta Foucault (1979, p. 12), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discursos que acolhe e faz funcionar como verdadeiros”.

Nesse sentido é que na época da escravidão nas colônias, por exemplo, os indivíduos negros, tidos como força de trabalho e selvagens, não tinham sequer direito a fala. Tal quadro só começa a mudar lentamente a partir da abolição da escravatura, chegando aos dias atuais em que tanto os discursos jurídicos, científicos e midiáticos dialogam no sentido de afirmar a existência de uma dívida histórica com a população negra do Brasil. Assim, o que mudou foram as relações de poder e os domínios de verdade instaurados no campo social, que levaram não só a constituição de novos discursos sobre os sujeitos negros, como também a possibilidade destes se tornarem de fato sujeitos.

Apesar de problematizar diversos temas (discurso, poder, verdade e etc.) sabemos que o foco central das pesquisas de Foucault (2010) esteve voltado para a questão do sujeito, como ele próprio chega a pontuar. Ao tratar das relações de poder-saber e dos regimes de verdade, por exemplo, o que Foucault faz é nos guiar para a compreensão de como os sujeitos são forjados e se deixam forjar (ou não) em meio a essas questões que os atravessam.

Nesta perspectiva, o termo sujeito possui dois significados. O primeiro liga-se a ideia de estar sujeito a alguém pelo controle ou dependência e o segundo faz menção a estar preso a própria identidade por um autoconhecimento. Em ambas as perspectivas somos colocados diante de um poder que subjuga e nos sujeita (FOUCAULT, 2010, p. 235). No entanto, Foucault (2010) assevera sobre a existência das lutas contra os domínios de sujeição, em que os sujeitos resistem aos discursos oficiais e desenvolvem por meio de cuidados e técnicas de si modos próprios de subjetivarem-se (FOUCAULT, 1985).

É na fase ética de seus estudos, que Foucault (1985) recorre aos gregos e romanos para retomar o conceito de “cuidado de si”, que sugere o voltar do sujeito para

si mesmo com o intuito maior de um aprimoramento existencial, configurando-se como uma prática importante para a constituição do sujeito e de sua subjetividade. Esse termo é uma tradução da noção grega *epiméleia heautoú*, que designa a necessidade de ocupar-se consigo mesmo para refletir sobre suas ações. “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2006, p. 11).

Esse cuidado de si acaba por levar ao desenvolvimento das “técnicas de si”, por meio das quais o sujeito insere-se num processo de subjetivação, em que passa a efetuar operações e reflexões sobre seu corpo, suas condutas, seus pensamentos e tudo mais que o constitui, obtendo uma transformação de si mesmo com o intuito de alcançar certa sabedoria, felicidade, pureza ou imortalidade (FOUCAULT, 2008b, p. 48).

As técnicas de si podem ser compreendidas como um domínio amplo que leva o sujeito a um processo de conhecer-se e produzir-se por meio do desenvolvimento de práticas de mudança sobre seu modo de ser e estar no mundo. Estas transformam-se e aprimoram-se ao longo do tempo e dos processos históricos (FOUCAULT, 1985).

Acreditamos que muitas das técnicas de si atuais passam pelo domínio das novas mídias, em que circulam diversos enunciados e discursos que buscam constituir-se enquanto *status* de verdade sobre os sujeitos. Nesse sentido, pensamos o *YouTube* como um desses dispositivos em que práticas e técnicas de si para si se instauram, uma vez que ele “como plataforma e a cultura participativa como *ethos* inspiram uma nova espécie de subjetividade que transforma todos os consumidores em autores potenciais” (BURGESS; GRENN, 2009, p. 152).

“Negritudes brasileiras”: um olhar foucaultiano para as audiovisuais do *YouTube*

Partindo de algumas das percepções de Milanez (2019), faz-se imprescindível destacar que cada tipo de audiovisualidade está ligada a uma rede de possibilidades que interdita ou promulga as imagens e sons evidenciados em uma determinada época. O que significa dizer que “o campo do aparecimento, a apropriação e o povoamento do espaço digital” (MILANEZ, 2020, P. 76) por vídeos acerca da negritude e de relatos de

si dos sujeitos negros estão vinculados diretamente a aspectos jurídicos, históricos e sociais do tempo presente.

Entre estes, podemos citar a implementação do sistema de cotas em nosso país pela Lei nº 12.711/2012, que, ao garantir 50% das vagas em instituições de ensino superior para alunos de escola pública, pretos, pardos e indígenas, levou inúmeros jovens negros a ingressarem na universidade e se tornarem os primeiros graduados de suas famílias, tendo conseqüentemente, mais acesso a informação e a internet. Outro é o caso do Programa Bolsa Família do Governo Federal, lançado em 2003 como auxílio e incentivo às famílias de baixa renda do país, entre as quais 70% são chefiadas por negros. Todo esse movimento de implementação e disseminação de políticas públicas que começa a ganhar força no início do século XXI, sob o então governo do Partido dos Trabalhadores (PT), parece contribuir diretamente para a constituição de novos enunciados e discursos em torno dos sujeitos negros, os quais entram num processo de ascensão social.

É justamente a partir da última década, quando essas políticas públicas já estão consolidadas, que inúmeros vídeos e canais no *YouTube* produzidos e veiculados por sujeitos negros passam a ganhar visibilidade e notoriedade no contexto brasileiro⁷. Principalmente nos últimos anos em que as questões raciais começam a estar cada vez mais presentes nas pautas sociais e midiáticas, com destaque para o campo das mídias digitais.

Nesse sentido, como já dito anteriormente nossa materialidade de análise, o vídeo “Negritudes brasileiras” (58min44s), constituiu uma produção audiovisual construída no formato de documentário e disponibilizada no *Youtube*. Nela, sete personagens entrevistados, além de Natali Neri, relatam suas vivências e experiências enquanto sujeitos negros, além de debaterem questões que os tocam. São eles: Joice Berth, escritora, arquiteta e intelectual; Giovana Xavier, professora de História na UFRJ e coordenadora do grupo de intelectuais negras; Aline Ramos, redatora do *BuzzFeed*; Alê Santos, colunista do *Muito Interessante*; Alessandra Aleixo, *designer* gráfica; Ary Silva, estudante; Thamy Yosuke, atriz.

⁷ A própria plataforma do *Youtuber Brasil* passa a promover o evento *Youtuber Black Brasil*, que teve destaque em 2017 reunindo os maiores criadores de conteúdo negros do país no *Youtube Space Rio* com o intuito de conectá-los e divulgá-los. O que aconteceu no mês da consciência negra.

Evidenciamos nesta materialidade a presença de diferentes formas de produzir um voltar-se para si, as quais se dão por meio de atuais técnicas de confissão da intimidade no ambiente das mídias digitais, com destaque para a reflexão sobre si, a autodescoberta e autotransformação.

Acerca da confissão, Foucault (1988) elucubra que, nas sociedades ocidentais, esta passa a ser uma das técnicas mais valorizadas de produção da verdade, que se inscreve no centro dos processos de individualização dos sujeitos por meio das relações de saber-poder. Evidenciando-se como um mecanismo de subjetivação. Ao confessar suas vivências, memórias e intimidades, interligadas aos aspectos étnicos-raciais, os sujeitos negros não apenas se colocam a mostra, mas se percebem enquanto sujeitos detentores de uma herança étnica que desde já lhes insere em certos lugares de verdade.

A produção audiovisual inicia com três das entrevistadas (Thamy, Ary e Alessandra) sendo convidadas a descreverem seus traços físicos. O que parece gerar certo desconforto entre elas, que são colocadas em posição de análise e reflexão de si mesmas, embora sobre um aspecto aparentemente simples. Esse desconforto fica evidente nas Sequências Enunciativas (SE) destacadas.

SE 01 (1:34 – 2:46)

(Ary Silva) - Eu tenho uma cintura média, olhos puxados que muita gente, principalmente minha família fala muito. *Nariz que eu considero aceitável, até então não considerava, mas hoje considero.* A boca quando sorrio fica bem mais evidente. *Um rosto redondo que ainda é uma coisa que eu tô aprendendo a aceitar.* Meu corpo que é a grande questão, mas hoje eu já tô bem mais tranquila com ele.

(Alessandra Aleixo) - *Ai que difícil...* As minhas características físicas eu descrevo como, os meus olhos eu acho que pretos como jaboticaba, porque eles são bem pretinhos, isso é uma coisa que eu gosto. Uma boca bem carnuda, grandona, um sorriso brilhante. Meu cabelo crespo, curtinho, minha carapinha, curtinho. *Um tom de pele assim, não vou falar preta, preta, preta, mas um preto que eu me encanto colorida...* (Trechos retirados do vídeo – Grifos nossos).

Nas SE 01, é possível observar certas tensões nas falas das duas mulheres, referentes a percepção e aceitação dos seus traços físicos como bonitos ou comuns, o que nos faz rememorar os discursos instituídos pela branquitude em que o único modelo de gente aceitável seria o do sujeito branco, de maneira que tudo que se diferencie desse padrão causa desconforto, como elucubra Souza (1990). Ao falar sobre o seu tom de pele, percebemos que Alessandra pensa, se observa e demora para conseguir responder,

como se estivesse sendo levada a refletir sobre si mesma de uma maneira que não costuma fazer.

Na medida em que Ary e Alessandra são conduzidas a se descreverem, também são postas em movimentos de reflexão, já que o ato da confissão pode ser compreendido como um ritual em que a enunciação em si produz sobre quem a articula modificações (FOUCAULT, 1988). A confissão, sobretudo nos atuais moldes das mídias digitais, parece-nos se colocar como um recurso reflexivo no qual o sujeito se produz na medida em que se confessa, o que ocorre por estar voltado para si mesmo. A nosso ver, essa reflexão contribui diretamente para a questão da autodescoberta, como é possível observar nas demais sequências enunciativas.

SE 02 (4:32 – 4: 48 / 14:11 – 14:39)

(Ary Silva) [...] E agora? E eu? Eu sou o quê? Eu sou negra? Há não. Sou mulata, sou morena. Eu não sou... Aí ficava essa discussão, eu internamente, mais a gente quando se juntava pra falar.

(Giovana Xavier) Você se afirmar como negro, muitas vezes para a gente isso é só uma afirmação. Mas para muitas pessoas isso é ativar um conflito. Por que você tá querendo criar problemas? No Brasil todos somos miscigenados, nós somos misturados. Por que você tá falando que é negra? Aqui não tem isso... (Trechos retirado do vídeo).

Nos relatos destacados acima, observamos não só o ato de refletir sobre si mesmo, mas também um possível movimento de autodescoberta, ambos atravessados pelo o que Kilomba (2019) classifica como racismo cotidiano, ou seja, aquele que se repete incessantemente ao longo da trajetória dos sujeitos, marcado por todo um conjunto de vocabulários, discursos, imagens, olhares e ações que colocam o negro na posição de “outro” e de “outridade”, ou seja, personificando os aspectos reprimidos nos brancos. “Toda vez que sou colocada como ‘outra’ - seja a ‘outra’ indesejada, a outra ‘intrusa’ [...], estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido” (KILOMBA, 2019, p. 78).

No caso específico da sociedade brasileira, em que o processo de miscigenação foi trabalhado num sentido positivo, com vistas de clarear ao máximo a população, a presença dessa “outridade” discutida por Kilomba (2019) se dá até mesmo entre os próprios pretos, que, em muitos casos, negam sua negritude para, assim, manter a

sensação de cordialidade, já que ao ser visto como negro e, portanto, classificado como “outro”, a este sujeito é negado o direito de existir como igual. Isso fica visível tanto nos enunciados de Ary quanto nos de Giovana, embora ambas tratem de acontecimentos diferentes.

Enquanto Ary relate sobre o momento em que questiona sua identidade étnica, o que ocorre em conversas com a própria família, chegando a negar inicialmente seu pertencimento étnico-racial. Giovana pontua a ocasião em que passa a falar abertamente para outras pessoas sobre ser mulher negra, chamando atenção para a forma com estas reagem ao seu posicionamento. Em ambos os enunciados, fica perceptível a presença de uma rede de relações de saber-poder que se estabelece através de tensões. Sobre isso, Fernandes (2012) explica que, “o poder, nesta acepção, é focalizado em micro instancias, é um exercício integrante do cotidiano e consiste em formas de luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão” (FERNANDES, 2012, p 56).

O poder em sua positividade produz discursos e saberes, colocando em jogo relações entre os sujeitos, por meio das quais estes se produzem e se autodescobrem, contribuindo para a produção de certa vontade de verdade sobre os outros e sobre si, a qual é “reconduzida, mais precisamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em sua sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p. 17). Vejamos isso no a seguir.

SE 03 (18:20- 18:35)

(Giovana Xavier) Me parece muito importante a gente reivindicar cores distintas para a negritude. A gente não é uma coisa só. E ao não ser uma coisa só, temos várias cores. A nossa experiência de ser negro é necessariamente distinta (Trecho retirado do vídeo).

Alguns dos enunciados presentes na audiovisualidade exposta, como destacado acima, parecem suscitar a constituição de novas vontades de verdade sobre a negritude nacional, ao passo em que rompem com outras “verdades” cristalizadas através de discursos da branquitude. Tais questões evidenciam-se nos relatos de si por meio dos movimentos de reflexão, autodescoberta e autotransformação dos sujeitos. A verdade, nesta perspectiva, pode ser compreendida enquanto uma construção discursiva dos posicionamentos dos sujeitos, que os reflete ao mesmo tempo em que opera sobre eles, como assinala Fernandes (2012).

SE 04 (49:33 – 50:12)

(Joice Berth) Acho que a minha formação como pessoa negra, ela veio pela visualidade das meninas norte-americanas do rap e pelos meninos negros brasileiros também do rap. Não abriu todos os meus canais de reflexão, foi um processo. Então acho que o que eu penso e sou hoje é um processo que começou lá atrás, no começo da minha adolescência e foi indo, vindo. Depois foi para a leitura, buscas intelectuais. Descobri intelectuais negros que estavam falando, escrevendo, atuando de alguma forma. Até chegar na maturidade que eu tenho hoje. Foi um processo (Trecho retirado do vídeo).

Nas SE 04, somos apresentados a um relato da escritora e ativista brasileira, Joice Berth, que expõe sua autodescoberta e autotransformação enquanto mulher negra empoderada como um processo longo de reflexão sobre si no decorrer da vida, que começa a partir do momento que encontra referências de sujeitos negros em outros espaços, entre os quais o do *rap*. Espaços esses mediados por visualidades e sons, como ocorre no *Youtube*. Evidencia-se aí a importância do outro no processo de constituição de si, já que a produção da subjetividade não se dá sem a presença desse outro, sendo construída de acordo com Foucault (1985) num processo relacional por meio da ação social e política exercida sobre os sujeitos em determinados períodos históricos.

Esse processo, compreendido aqui enquanto autotransformação, é tido por Souza (1990) como um tomar de consciência “do processo ideológico que, através de um discurso mítico sobre si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada” (SOUZA, 1990, 77). Tornar-se negro, nesse sentido, é criar uma nova consciência, a partir da qual os sujeitos terão a possibilidade de construir novos discursos e narrativas sobre si mesmos, o que é uma tarefa necessariamente política.

Esta insere os sujeitos negros em modos de subjetivação outros, por meio de práticas e técnicas de si marcadas pelas atuais tecnologias confessionais que os permitem ter voz própria, rompendo com discursos da branquitude na medida em que apontam para uma outra ordem discursiva (FOUCAULT, 1996), em que a negritude enquanto parâmetro possibilita a emergência de novos enunciados e discursos em torno do ser negro.

Considerações finais

Com base nas análises da produção audiovisual, “Negritudes brasileiras”, observamos que os sujeitos negros desenvolvem novos modos de ser e estar no mundo através dos relatos de si em tom de confissão. Nesses relatos, o ato da enunciação não apenas narra acontecimentos passados, mas leva os sujeitos a se perceberem, questionarem a agirem sobre si mesmos, inserindo-os em processos contínuos de subjetivação.

Dito isto, partimos da percepção de que os relatos de si no *Youtube*, tendo como exemplo o vídeo analisado, podem ser tidos como uma nova prática de subjetivação que se engendra na atualidade, na medida em que, “os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos” (CARDOSO, 2005, p. 7), os quais desfazem-se, transformam-se e atualizam-se.

No que concerne às questões étnicas-raciais mais propriamente ditas, este cenário de disseminação de conteúdo nas mídias digitais, com destaque para o *Youtube*, aliado a outros campos como os atuais discursos jurídicos, médicos e midiáticos, possibilita a emergência de uma diversidade de enunciados em torno da construção racial no Brasil. A ressignificação da negritude nos parece estar diretamente ligada ao aparecimento de novos espaços para se pensar os sujeitos negros e suas representações. O que, para Gadea (2013, p.95), coloca-se como “[...] atitude dos mais jovens por não reduzir sua múltipla, heterogênea e crítica negritude ao que representa a ancestralidade; e, por outro lado, uma fuga de um corpo negro colonizado sob as marcas de uma subalternidade, ou de uma espécie de vitimização da periferia [...]”.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. (Tese) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARDOSO, Hélio Rabelo Jr. Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18 (3), pp. 229-000.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade**. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 243 - 276.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo; Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo**. Tradução de Mercedes Allendesalazar. Buenos Aires: Paidós, 2008b.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 253-278.

GADEA, Carlos A. **Negritude e pós-africanidade: crítica das relações raciais contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-3, pp. 69-82, jan./jun. 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Ed 1. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teorias das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Editora Ática. 2. ed., 1988.

NAVARRO, Pedro. Dispositivo da sexualidade, discurso da mídia e o corpo feminino. *In*: JÚNIOR, Antonio Fernandes; SOUZA, Kátia Menezes (Orgs.). **Dispositivo de poder em Foucault**: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: Gráfica da UFG, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. Tradução de Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2007.